



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

2 DE JANEIRO DE 1965  
ANO XX — N.º 543 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAVÃO DE COIMBRA \* FUNDADOR: Padre Américo \* VALÉS DO CORREIO: TAPAL, PAVÃO DE COIMBRA \* AVENÇA \* QUINZE \* PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS \* COMPOSTO E IMPRESSO NA: ESCRIÇÃO GÉGRAFICA DA CASA DO GAIATO



## Há 25 anos

### Breve história

**O** que hoje se chama «Obra da Rua» nasceu no lugar de Bujos, freguesia de Miranda do Corvo, a 25 quilómetros de Coimbra, no dia 7 de Janeiro de 1940; e tinha outro fim. Chamou-se primitivamente «Casa de Repouso» e com este destino se instalaram na graciosa vivenda os três primeiros doentes. Antes de comprar, eu pedi ao Senhor Doutor Lúcio de Almeida e ele veio na minha companhia tomar alturas do sítio da casa. Viu e disse que sim. Aos três primeiros seguiram-se outros, que eu topava pelos sítios aonde gastava o meu tempo. Eles tinham cara de fome e pediam-me pão. A mãe lavava roupa no Mondego. Do pai não sabiam. Tinham ficha no dispensário... Era mais um que se ia juntar e tornar-se amigo dos outros que já moravam na «Casa de Repouso do Gaiato Pobre». Foi este o nome de que me servi para elaborar os primeiros estatutos da Obra. O nome de «Gaiato» não foi recebido, sem uma natural ou qual relutância. Também o alvará não me foi concedido às primeiras; e então Ministro do Interior mandou saber das possibilidades da futura Obra, por intermédio do Governo Civil de Coimbra. A carta veio-me ter às mãos com uma série de questionários. Eu li e despachei: A Obra já tem dentes. E remeti o documento assim informado.

Estávamos com uns quinze doentes na casa, quando se torna necessário mudar de governanta.

Continua na OITAVA página

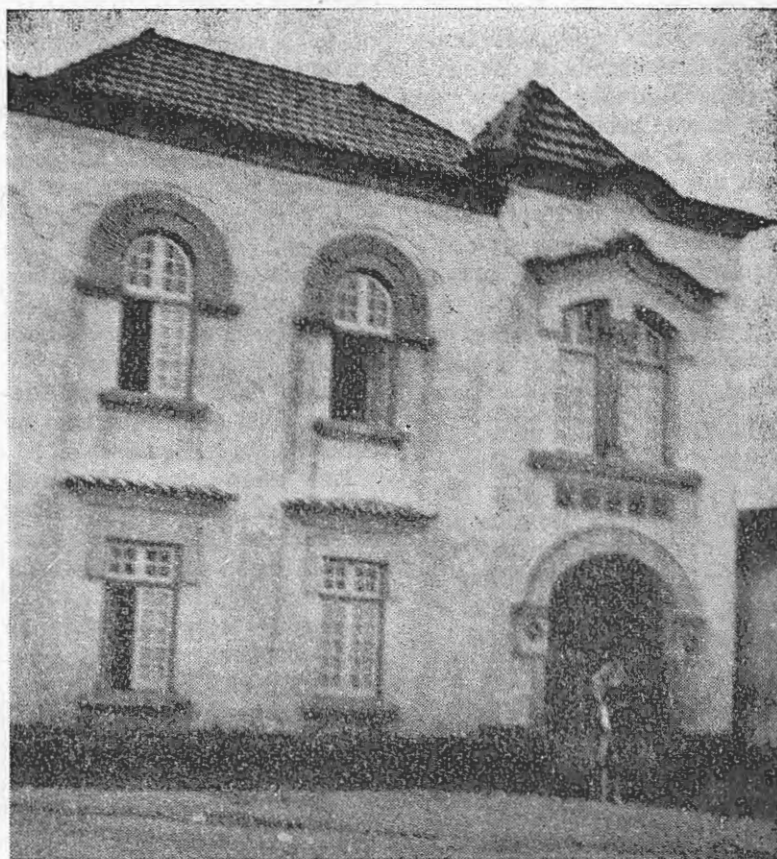
## Primeira Página da História

«A Casa do Gaiato abriu no dia 7 de Janeiro do ano de 1940, com três gaiatos». Ei-los:

N.º 1 — Mário Dinis de Carvalho, de 11 anos de idade, filho de António Carvalho e de Albertina Diniz Coelho, natural de Coimbra e residente na Rua Dr. João Jacinto, n.º 28, da freguesia da Sé Nova.

N.º 2 — José Araújo Pereira, de 9 anos de idade, filho de Aristides Pereira e de Maria do Carmo Pereira, natural de Coimbra e residente na Rua Direita, n.º 70-1.º, da freguesia de Santa Cruz.

N.º 3 — Aristides Araújo Pereira, de 8 anos de idade, filho de Aristides Pereira e de Maria do Carmo Pereira, natural de Coimbra e residente na Rua Direita, n.º 70-1.º, da freguesia de Santa Cruz.



«A frontaria da Casa do Gaiato de linhas bem lançadas». Daqui partiu a Obra da Rua.

## A PAI AMÉRICO

A este ideal consagraste a tua vida. Por ele realizaste maravilhas e revelaste a muitos a beleza, a doçura, a salvação — que não há senão no Nome de Jesus.

Por ti o Senhor nos atraiu; e tu nos ensinaste o teu caminho; e nos legastes a missão de o prosseguir. Por isso, também tu mereces ser honrado pela nossa acção de graças. Deus fecunda a tua fidelidade — e os frutos somos nós.

Obrigado, Pai, porque aceitaste a tua Cruz. Obrigado pela vida que deste.

E Aí, perto de Deus glorioso cuja honra foi o afã da

CONTINUA NA OITAVA PÁGINA

Ide ao Senhor dar glória e honra.  
Ide ao Senhor dar glória ao Seu Nome.

## CONSAGRAÇÃO

Aos que nos amam. Aos que nos odeiam. A todos e por toda a parte, damos a saber que faz hoje 16 anos que a «Obra da Rua» nasceu e logo foi consagrada ao Santíssimo Nome de Jesus. Tal Consagração tem abatido sérias dificuldades, produzido as maiores espectações e, não obstante, tudo é normal. Tal como os apóstolos da Ressurreição falando ao povo dos prodígios que faziam, assim também nós hoje, pelo mesmo princípio e dentro da mesma lógica, podemos e devemos afirmar: «Ó povo de Israel, ficai sabendo que é tudo em nome de Jesus Nazareno que vós crucificastes».

Desta sorte e com esta suprema convicção, é que os meus sucessores se hão-de apresentar diante das autoridades e dos homens em geral, sempre que haja necessidade de lhes contar o que está feito ou de lhes pedir auxílio para fazerem mais.

*Padre Américo*

(De «O Gaiato» N.º 310, de 14/1/56)

# Cantinho de MALANJE

VINTE e cinco anos duma contínua surpresa! Até para Pai Américo o crescimento da Obra foi sempre uma surpresa palpitante.

Deste cantinho, nós nos unimos em espírito e em corpo — somos um — a toda a Família, para vivermos, intensamente, o 25.º ano.

Sabemos que da nossa parte será tão íntima e fecunda esta união como for real e vivo o sentido e aceitação da nossa responsabilidade. Responsabilidade perante o Senhor, diante do povo cristão e, no nosso caso, no meio desta Africa onde a seara é tão imensa e os ceifeiros não acabam de chegar! No meio desta Angola que fremente dentro de nós com a violência de cachoeiras gigantes; e, na medida do amor, vai destacando o véu do complexo aglomerado de problemas humanos.

Como não sentir uma angústia dolorosa e o desejo de gritar e a urgência de arrancar à Arca do Evangelho os vestidos novos que levem o «Despi-vos do Homem velho e vesti-vos do homem novo» ao individuo, às mentalidades e às estruturas?

Renovação!

Alerta e prontos para entrarmos juntamente com o povo cristão na nova formatura. Não damos o sinal. Ninguém precisa de dar... ele está no Evangelho, agudo e urgente. Escutemos. Que cada um acorde para o ouvir.

Este alerta e renovação urgem, em testemunho, sobretudo, perante o povo indígena. Seja: Vivermos em conformidade com a nossa fé.

E este «viver em conformidade» implica renúncia ao nosso «julgarmo-nos superiores» e implica amor a todos os homens. (Não há cores nem fronteiras para o amor).

É este o nosso «estamos presentes»!

Somos «Obra da Rua» que cresceu e se realiza!

Vigésimo quinto ano!

Padre Telmo

COMO havíamos previsto, as obras da nova Aldeia começaram. No local escolhido os caboucos vão surgindo, aguardando o momento de receberem as fundações. E, assim, no próximo dia 3, dia do Santíssimo Nome de Jesus, sem exteriorizações mundanas tão do agrado dos tempos, depois da Missa da Comunidade, a primeira pedra será colocada no seu lugar e invocadas as bênçãos d'Aquele que é a Pedra Angular, único Senhor, por cujo Nome vem a Salvação. Será a maneira de festejarmos as «Bodas de Prata» da Obra, aqui no Tojal. Depois, rumo a Miranda e a Paço de Sousa, para com os outros Padres e demais Obrei-



O carneiro fenómeno, do Tojal, é o encanto dos batatinhas.

# Aqui Lisboa

Por PADRE LUIS

ros, reavivarmos a nossa Fé, fortalecemos a nossa Esperança e intensificamos o nosso Amor, fiéis ao espírito de Pai Américo, ao serviço de Deus e dos Homens.

A questão tem-nos sido posta, mais ou menos explicitamente: «Se não têm dinheiro porque se aventuram a fazer obras, contraíndo novos encargos?

Não será tentar a Deus?» Como aqui já se disse, se a empresa fosse humana as dúvidas teriam razão de ser. Mas como, para lá da nossa pequenez e indigência, se trata de tarefa do Alto, nós, pobres ministros de Cristo, no sentido etimológico mais puro do termo, acreditamos. As palavras de Pai Américo a seguir transcritas dão-nos alento: «Recordem (os «Padres da Rua») a toda a hora que com Ele (Cristo) nada é impossível. Neste sentido o «Padre da Rua» não aceita dúvidas. É um obreiro do Senhor que vê a Obra feita antes de começada». Entendidos?

quanto bem recebido ao contacto permanente com o seu Espírito! Que dizer do bem espalhado nestes vinte e cinco anos? Só a Deus pertence julgar, mas, sem perigo de nos excedermos, algo de novo se passou em Portugal nestes últimos cinco lustros. Que não só, e até muito menos no aspecto assistencial. Esta é, quanto a nós, e sobretudo, a hora do Sacerdócio. Que Deus nos ajude a vivê-lo como Pai Américo o viveu.

## Filhos de pai incógnito

Eu era para me ter já calado. Mas a ferida continua a sangrar, e não há canseira de quem pode evitar o mal.

Um destes dias, veio-me parar às mãos um jornal diário. Entre relatos de conferências e lutas raciais, vinha este: «O drama de sete crianças abandonadas pelas mães». Miséria moral e social — lhe chama o redactor. Ora, estas misérias são provocadas e consentidas. Não é do crime da mãe que vamos falar, porque queremos fazer-te ver e sentir, que a raiz do mal precisa de ser arrancada e não cortada. O delito da mãe todos nós o vemos, e não somos justos se só julgamos mal as intenções de tantas mães que abandonam, lícita ou ilícitamente, os filhos. «Mais miséria do que vício, mais fraqueza

do que crime» — lhe chama Pai Américo. Os pais! Onde estão eles? Quem os chama à responsabilidade? Antes de julgarmos, procuremos o criminoso. E se assim não fazemos, nós — os que temos lugar de autoridade, os responsáveis pelas leis — temos que nos sentar no banco dos réus e dizer o mea culpa.

A Família! Uma brasa que aquece e não deixa miséria social.

Os filhos e as mães, são tantas vezes abandonados pelos pais que fogem para outras mulheres, levados pelo prazer. Outros pais não chegam sequer a perfilhar os filhos, roubando honras e construindo lama.

O sentido da família não existe. Há vazio, há a mãe

escrava, a mãe com um duplo fardo, a mulher que não pode sustentar e educar os filhos porque lhe faltam os meios. Há crianças nuas de carinho e educação, caminhando passo a passo para as prisões. Ao julgá-las, o juiz chama-lhes culpadas, criminosas, e elas têm sede de justiça. Sentem que o pai as abandonou sem que o tribunal lhe pedisse contas.

Quem dera que viesse de pressão a lei que acabe com os filhos de pai incógnito!

Era tempo dos «Movimentos» virem prá rua a defender os direitos da família, defender a mãe e os filhos, do abandono dos pais.

Aqui há tempo, escrevia-me uma senhora residente na América: «As boas Mães que bradem e exijam Justiça para aquelas outras infelizes que são calçadas com os seus filhos».

A Família e os seus direitos, quem a defende das misérias morais e sociais?

Ernesto Pinto

CEGAM até nós pessoas de todos os credos e formações. Porque somos «a porta aberta» a ninguém é negada a entrada. Não há segredos, tudo está à vista, na sua natural simplicidade, com as virtudes e os defeitos inerentes. A todos respeitamos e desejamos amar, mas é bom não esquecer que a «Obra da Rua» foi gerada num coração dum Padre, atento aos designios da Providência, profundamente unido ao seu Pastor, isto é, a «Obra da Rua» é obra da Igreja. Sem Ela nada. Se faz acção social, fá-la em vista dos valores eternos. Nós queremos, nesta hora jubilar dos vinte cinco anos de existência, reafirmar a nossa condição de Padres — «Nihil sine Episcopo» — e pedir ao Senhor que nos ajude, cada vez mais, a «amar com a paixão fervorosa do Fundador» a Santa Igreja.

OS anos passam. Já lá vão, talvez, mais de vinte, que ouvimos falar Pai Américo, na Sé Nova de Coimbra. Daí até à última vez que o escutámos na Sociedade de Geografia, quantas recordações! E depois, já seminarista e padre da Obra,

## SETUBAL

Cont. da OITAVA página

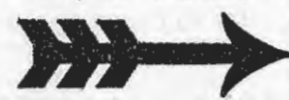
Minha Obra da Rua, que me ensina experimentalmente que se as aves do Céu têm o seu ninho e alimento e os lírios a beleza imaculada do seu vestir, muito mais a mão do Pai Celeste se estende sobre as necessidades dos seus Filhos!...

Minha Obra da Rua, que me fazes viver a Pobreza do Crucificado sem que eu a saiba definir!...

Minha Obra da Rua, que me dá «Filhos» de uma beleza incomparável! E suportas a tacahez deste espírito que te ofende nos nossos filhos e suportas a lentidão com que em contacto com os seus defeitos vou conhecendo os meus.

Minha Obra da Rua, que me actualizas o convívio fraterno dos primeiros Padres nos nossos Padres e me dá o doce sabor da obediência e da autoridade!

Minha Obra da Rua, que pela tua abertura universal me mostras o Senhor no Rico e no Pobre, no Justo e no



# O "Pão dos Pobres"

## Colaboração dos Leitores

Cont. da QUINTA pág

**M**AL saiu prá rua o anterior número do «Famoso» — conforme prevíramos — terminou a expedição do III volume do «Pão dos Pobres».

Tem sido uma chuva de correio, exultando pelo recebimento do livro! E quão a propósito, nesta época, em que celebramos, com o maior recolhimento espiritual, as «Bodas de Prata» da nossa Obra! E nos lembramos dos primeiros passos em Miranda do Corvo. Da surpresa daquele mundo novo — princípio da nossa redenção do lixo. Do lixo, sim. Damos graças a Deus por tudo quanto operou pelas mãos carismadas de Pai Américo, cuja presença — ao contrário do habitual entre os homens — se agiganta com o decorrer da ausência física. É assim com os santos, imbuídos de Luz na Luz; para quem o tempo não conta — porque pertencem à Eternidade. Não resistimos às lembranças da arrancada!... Ficamos — tão cheios do milagre que nossos olhos vêem e apalpam e, quantas vezes!, amoleceram, pobres pecadores que somos. Não resistimos às lembranças da arrancada, desde Miranda. São quase 25 anos, também!...

Mas vamos ao livro. Vamos ao «Pão dos Pobres», que é Pai Américo vivíssimo. Ele tal e qual, há 5 lustros. É um «diário de bordo» cuja Rota não varia. É inflexível; dinâmica; expansiva. Porquê? Cristo vai na barca. De mãos abertas. Chorando e rindo, consoante. E aonde Cristo, tudo é actual. Mais; e onde Ele, quem contra Ele?

O livro tem produzido cartas espumantes. Fogo a crepitar de Alegria interior. Como aquela: «Chegou o «Pão dos Pobres» — bênção que entra em casa. Vai só um nada (para as necessidades que há) mas com verdadeiro amor, isso sim!».

Ó beleza! Quisera ser poeta. E poder alinhar um hino. Mas quem diria tanto, e tão bem, em tão pouco?! Aqui me quedei. E dou graças, muitas graças a Deus pelos prodígios que opera no coração dos homens.

É uma procissão de almas inquietas! É sim senhor. Se não, prôquê, botem os olhos no que segue e vejam como o fogo arde e crepita:

«Nesta época do Advento, recebi mais um volume do «Pão dos Pobres» de Pai Américo. O assinante 24783 muito agradece a oferta, tão valiosa se a soubermos aproveitar. Deus me ajude e eu o mereça».

A linguagem de um Cristão! Ainda que o mundo pareça não entendê-la, mente. O «agradece a oferta, tão valiosa se a soubermos aproveitar. Deus me ajude e eu o mereça», é uma página de meditação. Sim! Qual a razão de ser da angústia dos nossos dias,

Pecador e me pões em perene estado de Concílio na nossa Mãe a Igreja.

— Continua a ser para mim o caminho apaixonante que leva a Deus, princípio único da transbordante felicidade que me penetra na tuas «Bodas de Prata».

Padre Acílio

qual? A fuga do homem aos valores do Espírito. «Deus me ajude e eu o mereça» — que formosa Humildade cristã! Quem dera pudéssemos dar à luz um livro com testemunhos assim; quem dera! Seria um complemento dos que o Senhor escreveu pelo punho carismado de Pai Américo.

Há muitas mais cartas. Cartas?! Não! Jóias que se não avaliam por quilates. Ouçamos esta Viuva de Milheirós:

«Envio a quantia de 100\$00 para pagamento do grande livro de doutrina «Pão dos Pobres» e peço a caridade para o que sobra, ser aplicado para o Natal duma família necessitada, para que possam ter uma ceia mais feliz do que eu, pois que perdi o meu marido e sinto muitas saudades. Peço para que a Família contemplada, peça a Jesus Menino lhe dê um Natal feliz no Céu.

Beija respeitosamente as vossas mãos uma viuva».

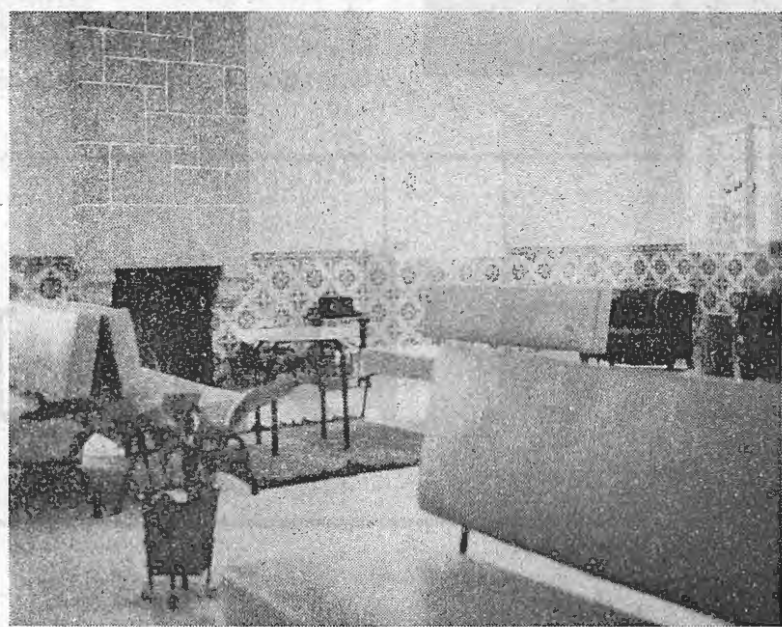
O Óbulo da Viúva!

Senhor, daí força pra merecermos, acima de tudo, a delicadeza — que nos confunde e humilha.

Deveria continuar a procissão. Mas o Famoso, apesar de dobrado, é gota d'água no mar imenso dos seus cronistas. E daí só me resta lembrar que temos, ainda, muitos livros na estante. E que não é preciso muito trabalho pra satisfazer qualquer pedido. Basta escreverem-nos um simples postal e ele baterá às vossas portas. Mais; estamos muitíssimo interessados em renovar e aumentar o número dos assinantes da Editorial. Querem saber porquê? Recebemos, hoje, devolvidos, pelo correio, um maço de livros. Ora «Caixa d'Óculos» é um rapaz expansivo e muito alegre. Salvo quando resolve, por brincadeirinha de batata, malhar uma sova no «Rebuçados»... Ora o nosso amigo «Caixa d'Óculos», promovido que foi a escriturário da Editorial, ficou perplexo com aquelas devoluções, dando-se ao cuidado de ir coscovilhar o motivo e, pronto!, suspirou d'alívio — e de tristeza,

também: «fulano faleceu; beltrano mudou ignora-se para onde; sicrano ausentou-se para o estrangeiro e não deixou morada. Pra contentar o nosso «Caixa d'Óculos», os senhores tenham paciência. Primeiro, quando mudarem os tateos façam o favor de transmitir a nova pousada. Segundo, se quem nos lê ainda desconhece que os livros de Pai Américo são Alimento, então, não perca tempo. Bote pra cá um simples postal que a gente põe-no em vossa casa na volta do correio — se «Caixa d'Óculos» o tiver em dia...

Júlio Mendes



É airoso e donairoso, o salão de festas do «Calvário»!



Nasceu há vinte séculos, mas permanece vivo por eles além. Para muitos homens, no entanto, não passa de pessoa histórica. Estes não se dão conta da sua presença, ainda que se cruzem com ela, na pessoa dos Pobres. Mesmo crentes não fazem normalmente desta presença objecto da fé. Nem atinam muitas vezes com o sentido daquele o que fizerdes ao mais pequenino destes é a Mim.

Ora, Cristo continua vivo nos mais pequeninos. Torna-se palpável nos mais enfeitados. Mas os homens, hoje, desabi-

Sim; porque o que lhe valeu foi a grande ajuda do «Campanera»: «É preciso não esquecer que preenchi mais de 3.000 fichas!...», acentua este. Tem razão. Por isso, aqui vai a parte que lhe toca. Terceiro, se qualquer um dos vossos amigos, familiares, companheiros de trabalho ou vizinhos tiver fome, a coisa é, como já dissemos, muito simples e muito fácil. E, assim, renovaremos e aumentaremos não o número de fichas da Editorial mas o número d'almas sedentas da «benção que entra em casa» como disse, tão bem!, a correspondente assinalada em primeira mão. E que, por curiosidade, é de uma terra que dizem ser um encanto — S. Pedro do Sul — e eu não conheço ainda! É pena. Mas pode ser que, um dia, o Senhor me proporcione ocasião de por lá passar.

mento do meu dever. Estou dividida à Obra que eu mais amo a «Casa do Gaiato». Venho pagar a minha assinatura e enviar uma migalhinha para que entenda. É pouquinho mesmo muito pouco, mas me é possível enviar mais. Sempre «O Gaiato» de ponta; é mesmo o único jornal que leio com prazer. Algumas vezes faço por ele meditação sempre que o leio sinto que não ser rica. Se fosse levantaria sempre o dedo apelos que nele se fazem. Deus na sua bondade infinita permite que eu viva unicamente do meu ordenado que tem de repartido pelos meus familiares necessitados, experimentando muitas vezes o amargo do precisar e não ter, para mais estar dos Pobres, porque, vencendo as dificuldades da vida, melhor os compreendo e não os amo.

Louvado seja o Senhor não permite que a abundância me petrifique o coração.

disponíveis à verdade. E Natal é um Mistério permanente. Só esta descoberta dá forças para irmos Pombal procurar um pequeno de doze anos.

A porta está fechada. Espreitamos pela janela, cubículo. Acocorado em chão imundo e rodeado trapos sujos a criança baça-se sobre si mesma e palpebra grunhir. Em redor o mundo desalinha. Vizinhos repetem-nos o que já sabemos. O faleceu. A mãe passa o tempo na taberna. Anda sempre cair. Não deixamos atirar mais pedras, que culpe também as tem quem patrão na directa ou indirectamente tal porte. Pombal inteiro rece conhecer esta situação. Muitos condenam. Raramente absolvem.

Retirado do antro e banhado em três águas por quem se a picada do espinho que pequeno é, mais airoso Ernesto é nosso companheiro na viagem de retorno. Chegamos a nosso lado, lavamos, sim, mas muito calado e desconhecível. É a fé que realiza a Encarnação. Cristo nestes seres tão pobres humanos, aos olhares da natureza.

Belém e Calvário são pontos opostos na vida terrena de Cristo; mas por este Calvário muitos têm ido à descoberta do mistério de Belém.

Aprende também a descobrir os que sofrem.

Padre Bap



# O Famoso

**E** já uma tradição. Não há dia de festa no «Famoso» sem a presença vibrante de Leitores e Amigos. Eles aqui estão, comungando connosco a celebração das «Bodas de Prata» da Obra da Rua. São testemunhos preciosíssimos do pouco e do muito que o Senhor tem operado e opera por intermédio de todos e cada um de nós. São gritos d'angústia que a maioria despresa. São desabaços d'alma de estremece corações. E cujo toque abre Caminhos que a pequenez dos homens não é dado avaliar. O caso daquela presença de Lourenço Marques — onde Pai Américo gastou anos de vida antes de encontrar a Vida — que diz alto e bom som: «Recebo, como as demais companheiras de trabalho «O Gaiato». Então, suspendo o que tenho entre mãos e leio e choro sempre, louvado seja Deus! É como se comungasse — não, não é uma heresia! Fico com a consciência tranquila; o meu coração acompanha-vos e sinto a dor dos outros, uma coisa de que nos esquecemos muita vez».

Vamos abrir as cartas. E as almas mais do que os corações. Está presente o rico, o pobre e o remediado. Todos unidos no mesmo Ideal: comungar e sentir a «dor dos outros», que é, também, a do Homem das Dores — Cristo Jesus.

## TENHO TANTO MEDO DE FICAR SEM O JORNAL...

Está a escrever-lhe a mulher do assinante 33622 pelo seguinte:

Primeiro, quero agradecer-vos a atenção que têm tido em me enviarem o jornal o qual recebi de 25 de Abril dentro de uma carta por ter sido recusado; meu marido foi com o jornal aos Correios saber qual o motivo por que o jornal tinha sido devolvido. Chegou-se à conclusão que é

lidades a serem eles a trazer-me o jornal ao que ele me respondeu: «Sim, espero e tenho fé que não haja falhanços».

Pedia-lhe o favor que o jornal que vinha para meu marido fosse enviado para uma irmã minha que mora em Lisboa, que muito gostava de conhecer o vosso jornal; eu já lhe comuniquei que vai receber «O Gaiato» e a assinatura está paga até ao fim do ano. Podem estar descansados que eu pago o meu jornal aqui em Setúbal. Agradeço que não se esqueçam deste meu pedido, e desculpai tanta maçada e que Deus vos pague.

que me não falte mais a doce presença de «O Gaiato», sem a qual é difícil viver o problema dos Pobres e afligirmo-nos.

## O NOSSO JORNAL DÁ-ME MAIS DO QUE EU CONSIGO DAR

*Pelo mesmo correio segue um vale de correio para pagamento da minha assinatura.*

*Todos os anos andava atrasada e para tal não se repetir*

# Colaboração

## Inquietação Sacerdotal

Fraternais saudações no Senhor. Envio 150\$00 para satisfazer a assinatura de «O Gaiato». Já deve ter passado o prazo. Peço desculpa.

Continuem a gritar bem alto — mas pelas obras e doutrina como CRISTO — que no mundo há miséria porque ainda há muitos cristãos que não sabem amar, embora saibam dizer frases bonitas!

Rezem por mim.

Não sei quando vos mandei alguma coisa, por me mandardes o jornal «O Gaiato».

Seguem estes 200\$00,

e se virem que não chegam para a tinta e papel, disse-me então o que sobre o caso se vos oferecer.

Se algo sobrar, fica para o que quizerdes.

x

## Obra da Rua

Estive há dias em Benguela e lá encontrei uma Casa do Gaiato como o Senhor Padre Américo concebeu. Tudo na mesma, num meio tão diferente. E, se as Casas do Gaiato são imprescindíveis aí, aqui, são-no muito mais. — Casas do Gaiato junto das cidades para acudir a problemas, tentando emendar o que os homens estragam na obra do Criador, mas também Casas do Gaiato em zonas novas como a Cela para ajudar a formar uma «sociedade nova».

A obra social do P.e Américo é obra de um Santo que foi também sábio. — Soube observar a sociedade e soube receitar o método da cura. — Dos Gaiatos podia sair um livro do P.e Américo — «Doutrina Social».

Este livro é urgente como livro de cabeceira para os nossos dirigentes, sobretudo para aqueles que têm de decidir em África.

devido a ter-se suspendido um jornal aqui de Setúbal e o carteiro continua a fazer confusão com «O Gaiato».

Ora eu tenho tanto medo de ficar sem o jornal que nesse dia encontrei um rapaz da Casa do Gaiato aqui de Setúbal e contei-lhe o que se passava, e se não haveria possibi-

## DESABAFAR SEM RALHAR

Venho dizer-lhes que não me enviaram os dois últimos números do «Famoso».

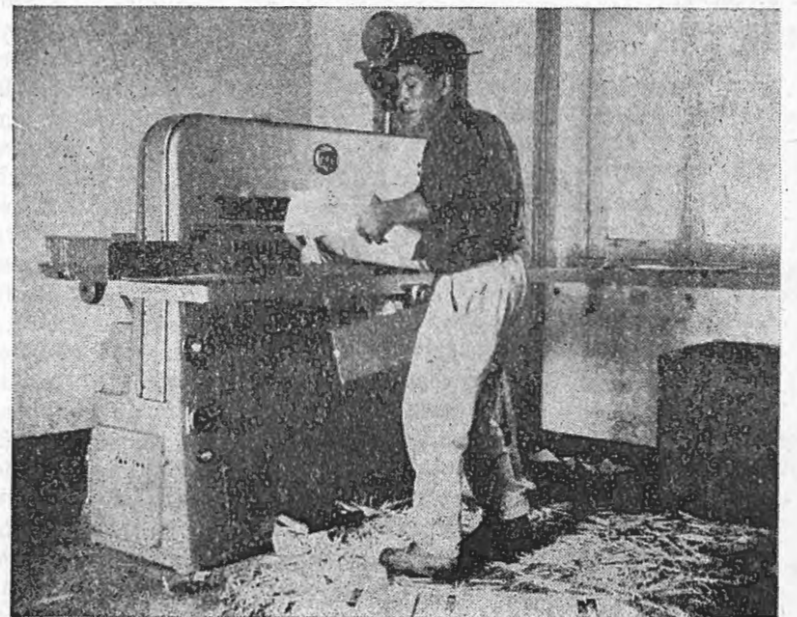
E peço licença para desabafar, sem ralhar: Estive mais de três anos sem pagar a minha assinatura. Por bondade vossa, nunca me faltou o jornal. Agora que pus em ordem as minhas contas, ele ausenta-se sem mais nem menos. Deve ter andado aí o dedo da vossa «organização desorganizada». Não estou zangada nem estranho nada. Peço apenas que providenciem para

resolvi marcar a data do meu aniversário de casamento para pagamento da minha dívida. Digo dívida porque o nosso jornal dá-me mais do que eu consigo dar.

Como estou de luto não faço festa, será festa espiritual com a minha esmola.

## SOU ESTUDANTE E O MEU PAI É CARPINTEIRO

Em primeiro lugar peço-vos desculpa, por só agora vos enviar algum dinheiro para pagamento da minha assinatura de «O Gaiato». Não é que



Reparem no «Pirilampo». Com a nova guilhotina até dá gosto cortar papeis!



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

me não lembrasse disso, mas como sou estudante e o meu pai é carpinteiro, as dificuldades têm sido enormes. Assim não tenho tido grandes disponibilidades financeiras para o pagamento da assinatura.

Mas, como hoje faço anos, e pela Páscoa recebi algum dinheiro, não quero deixar passar este dia sem vos enviar algo.

Quero também expressar-vos o meu reconhecimento por me terem continuado a enviar o jornal durante tanto tempo sem eu pagar nada.

Assim provais por acções o que afirmais no papel, o que infelizmente nem todos fazem.

### «O GAIATO» TEM CONTRIBUIDO PARA A MINHA FORMAÇÃO ESPIRITUAL

Saúdo com fraternal amizade e envio essa migalha para

peito e veneração como se se tratasse do próprio Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Se não venho mais vezes com os meus donativos, não é porque a vontade me falte, mas sim, porque sou apenas uma modesta telefonista dos C. T. T. e o vencimento não chega onde a boa vontade queria que chegasse.

Apesar disso não desejo mais para mim e até não gostava de ser rica. Se há momentos que desejava ter mais alguma coisa era só para poder repartir pelos Pobres, nada mais. Hoje, porém, ao ler o vosso (nosso jornal) não pude ficar indiferente à pobreza daquela família que deve 20 contos há treze anos. E, assim, venho contribuir com um migalhinha de 50\$00 a favor desta exemplar família cristã que profundamente lamento.

Qualquer dia enviarei também uma migalhinha para a grandiosa Obra de Pai Américo. Oh! O Pai Américo; como eu O admiro, apesar de nunca o ter conhecido pessoalmente. Pai Américo continua bem vivo nos seus continuadores.

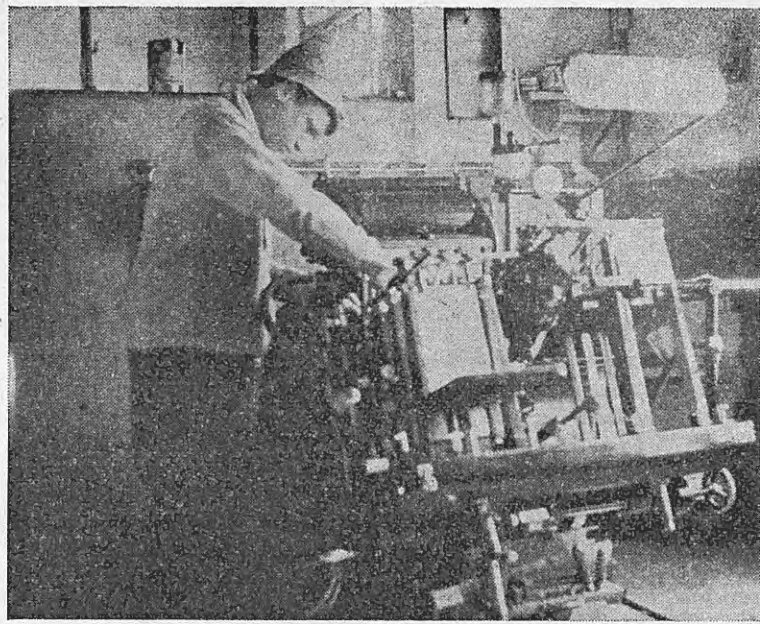
### VAMOS RECEBENDO E COMUNICANDO

Incluo a pequena importância da m/ assinatura do «Famoso», referente a este ano de 1964.

Uno-me a vós na Comunicação dos Santos em oração e boas obras, e dou continuamente graças a Deus por vós e por mim, pelas maravilhas que em vós vai operando em Portugal de quem e além mar na Igreja.

Quanta pena tenho, por ser tão pouco; mas, ao menos, que eu, com os meus, participemos fielmente assim, e vamos recebendo e comunicando.

O Senhor seja convosco, e a Mãe, Sua e nossa, vos alegre, e ajude e encha da «Alegria», de que Ela é a «Causa» — Jesus Salvador.



Olhem pró cuidado e pró ar grave do Antero — ocupado na sua «minerva»

### VOU FAZER MAIS ESTE PEQUENO SACRIFÍCIO

A saúde de V. e a prosperidade dessa comunidade é o que mais lhes desejo.

Já sei que os meus amigos

outra moeda, o que deixa gente bastante desanimado.

Mas como já tenho feito outras vezes, vou fazer mais este pequeno sacrifício para que nem um, nem outro, fique privado do «Famoso».

# dos Leitores

reforço da minha assinatura de «O Gaiato» que tanto tem contribuído para a minha formação espiritual. Ando muito preguiçoso em angariar novos assinantes para o nosso «Famoso». Em compensação tenho feito alguma coisa — aliás muito pouquinho para o muitíssimo que vocês merecem — junto do P.e Acílio e do P.e Luiz. Que Deus me ilumine e me torne menos preguiçoso!

### UMA MODESTA TELEFONISTA DOS C. T. T.

O Jornal «O Gaiato» é lido por mim desde a primeira à última letra com o mesmo res-

### A VONTADE E A ECONOMIA FAZEM MILAGRES

Bons amigos, que Deus vos dê muita saúde e longa vida para que a Obra do grande e querido Pai Américo não pare jamais, são os meus votos sinceros. Junto de mim tenho o postal, que está datado de 15/5/64, em resposta ao que eu tinha enviado dizendo que não me era possível pagar mais o jornal, pois deixei-me atrair por doença. Vai já para cinco anos que muito tenho sofrido. Deus sabe que é verdade. Cairam-me de tal maneira as palavras escritas no postal, que

me encheram de coragem para ir a pé de uma paragem a outra quando ia para o Hospital de Santa Maria e assim pouparei 1\$00 e com eles comprava um selo e assim fui juntando para pagar um ano da minha assinatura do jornal. Sei que vai fazer em Abril do próximo ano três anos, mas vamos ver se eu assim começo a pôr em dia o meu querido jornal. A vontade e a economia fazem milagres; que Deus me dê saúde para que eu possa cumprir. Continuo infeliz-

mente doente, muito embora um pouco melhor graças a Deus. Eu já sei que tenho que sofrer sempre; por isso, que Deus me dê coragem e paciência para levar a minha cruz ao calvário. Aqui envio 24 selos que faz um ano de pagamento e peço a Deus me vá dando as melhores para eu poder pagar. Estou a descansar dos tratamentos mas terei que regressar ao Hospital pois isto não vai assim como nós queremos. Seja feita a vontade de Deus e estou satisfeita.

A. T. e A. M. C. não têm renovado as assinaturas de «O Gaiato», porquanto vi há dias na casa de um, um cartão dessa redacção a pedir a sua actualização. Sei também que não a renovarão devido à grande diferença entre uma e

### O ÚNICO JORNAL QUE LEIO COM PRAZER

Acabou o ano lectivo, vou entrar de facto em férias, mas quero começá-las pelo cumprimento

Cont. na TERCEIRA página

### MAIS DELICADEZA!

Mais uma vez te peço desculpa por vir atrasada. Venho entregar-te mais uma pequena quantia para poder ficar com as contas em dia. Espero que ainda

não tivesses posto o meu nome no rol dos esquecidos. Perdoa-me a minha linguagem. Mas não sei dizer de outra maneira. Não tendo mais

a dizer se não agradecer a tua pontualidade, todos os dias com toda a satisfação leio e aprecio tudo quanto todos vocês escrevem.

### DÍVIDA DE GRATIDÃO

Junto envio 50\$ para a assinatura de «O Gaiato» pois não sei se está paga ou se não está. Creio já ter pedido em tempo o favor de mandarem cobrar pelo correio, pois receio, com os muitos afazeres que tenho, esquecer-me de enviar o dinheiro.

Fica pois combinado quando eu estiver em falta fazerem o favor de cobrar ou avisar-me com um postal que a assinatura terminou que é para eu a renovar.

Tenho esta dívida de gratidão para com «O Gaiato» pois a sua leitura contribuiu, poderosamente, para a minha conversão ao catolicismo e espero que continue a influenciar o meu progresso espiritual, tão grandes são os exemplos de generosidade, caridade e amor que ali encontro.

### LEIO E CHORO SEMPRE

Não se pode dizer que eu seja uma pessoa iluminada. Faltam-me tantas coisas e tenho tantas dúvidas! Invejo os que aceitam, porque crêem. Mas Deus mora comigo visto não me ter tirado, ainda, a faculdade de O reconhecer em todas as boas obras.

Recebo, como as demais companheiras de trabalho, «O Gaiato». Então suspendo o que tenho entre mãos e leio e choro sempre, louvado seja Deus! É como se comungasse — não, não é uma heresia! Fico com a consciência tranquila; o meu coração acompanha-vos e sinto a dor dos outros, uma coisa de que nos esquecemos muita vez.

Sinto os vossos problemas e, no entanto, por incúria, parte das vezes não vos auxilio. Mas hoje é certo: estes 100\$00 metropolitanos são para vós. E oxalá que quem estes conseguiu, outros arranje para vos poder mandar.



**P**ASSOU um ano da nossa estadia cá. Por tudo quanto fomos acari-nhados, bem recebidos e estimados, bendito seja Deus. O optimismo e a fé no Senhor leva-nos a encarar o novo ano com alegria e a depositar a nossa confiança naqueles que não nos têm esquecido.

**Z**É Maria e Zézito são dois amores; os mais pequeninos da nossa família. Sonho com eles para números extra das nossas primeiras festas em Benguela e Lobito. Por vezes, ao olharmos para eles com amor, sentimos algo de tristeza e dor, por sabermos que muitos Zés Marias e Zézitos andam por aí sem ninguém que os ame.

Nunca estão tristes! É belo vê-los brincar e rir! Não sentem saudades de ninguém! Não choram pela antiga vida e já não sabem o que é fome!



*Aljaiataria! Há sa'a, há rapazes, e já temos máquinas!*



**J**ESUS nasceu num verdadeiro curral de animais. Belém fechou as portas a José e Maria. Falta de habitações já nesse tempo? Ganância? Receio de um incómodo que sempre acarreta um nascimento? Fosse como fosse, as casas de Belém fecharam-se ou, melhor, fecharam-se os corações dos seus habitantes e Jesus nasceu nos arredores, num curral de animais. Na Basílica da Natividade em Belém encontra-se ainda hoje a gruta em que, segundo tradição antiga e constante, Jesus nasceu. Foi sobretudo a partir do século VII que se começaram a multiplicar os presépios e as representações dos animais, assim como dos pastores, a acompanhar a imagem do Menino Jesus. S. Francisco de Assis tornou estas representações populares. Ele mesmo, na companhia de seus companheiros e de grande multidão de povo, fez celebrar no bosque de Greccio a noite de Natal com Missa solene, diante dum grandioso presépio armado no meio das árvores. Hoje não há aldeia por mais simples que seja que não tenha um ou vários presépios arranjados segundo os gostos mais diversos. Jesus nasceu em Belém e Maria, segundo o Evangelista S. Lucas, «enfaixou-O com panos e reclinou-O num presépio». Não sabemos muitos pormenores da infância e juventude de Cristo, mas temos conhecimento muito provável de que Jesus, Maria e José, indo viver para a sua cidade, viveriam também na sua casa. Quando lemos a narração do nascimento de Jesus comovemo-nos e como que quereríamos viver nesse tempo para *emprestarmos a nossa casa* a Nossa Senhora e a S. José e aí pudesse nascer Jesus. Estranhámos aquela atitude negativa da população de uma cidade que não ouviu os rogos de uma mulher prestes a ser mãe e fecha a porta sem remorso. Quereríamos nós proceder de maneira bem diferente. Se eu vivesse nessa altura em Belém — dirá tal homem ou tal mulher sentimentais — se eu vivesse nessa altura em Belém, Jesus teria uma casa para nascer. O Mestre disse um dia: Quando exercestes as Obras de Misericórdia com os mais humildes, foi a Mim mesmo que o fizestes, mas quando negastes o socorro aos Pobres foi a Mim também que fechastes o coração. Nós, crentes, que hoje nos não importamos que os nossos irmãos tenham uma casa para nela nascerem as crianças, quando deixamos, sem o menor remorso, que famílias e famílias vivam em barracas que não são mais confortáveis nem mais próprias para se nascer e para se viver que o curral onde nasceu Cristo, fazemos o que fizeram os habitantes de Belém, aumentando, porém, muito a nossa responsabilidade porque nascemos depois de Cristo; temos os seus ensinamentos, o Seu Evangelho e a Sua Graça. Levantemos presépios ao Menino Jesus, mas levantemos também casas para nelas nascerem os Seus irmãos pobres.

*Padre Fonseca*

# Carta de Benguela

São felizes e são amados. Gostamos tanto deles! Mais ainda pela inocência deles!

**C**ASOS típicos há-os em todas as nossas Casas. Aqui temos alguns engraçados, e entre eles são os cães. Temos só 5!

São o entretenimento da malta e o enlevo de alguém que, quando nos vê na cidade, pergunta sempre: «Como vão os cães? Ai o «Cambonga» é um cão muito delicado. A «Laika» é muito esperta. E então o «Banzé»? Esse é uma categoria». Ora vejam os senhores como os cães são preferidos aos rapazes! Perguntar como vão os rapazes nunca lhe ouvimos, mas como vão o «Banzé» e companhia é sempre. Pois estão bons, muito obrigado.

**P**RAIAS. Temos ido passar os domingos à Caóta. Após a missa toca de pegar nas panelas com o «tacho» e ala com todos os 65 na carrinha.

A nós, que viemos há pouco da metrópole, é uma sensação agradável em pleno Dezembro, gozar uns ricos banhos de mar. A malta diverte-se; os cães também vão; tomam banho junto com a malta e, enfim, é uma alegria.

Num domingo destes, passou-se uma cena engraçada. O nosso Padre Manuel, que aprendeu a nadar há pouco, mas que não se aventura muito, já em fato de banho diz para mim: «Anda cá ver como eu nado e com que categoria! Prepara-te para assistires a uma lição de natação para decorares». Lá o vimos meter-se à água e então

foi rir, rir, até nunca mais acabar. A lição foi muito fraca e confesso nada ter aprendido. Perante o nosso riso saíu do banho dizendo: «Hoje a água não quis nada comigo e estou com a barriga cheia de pirolitos!» Euscusado será dizer a risota que não foi. Isto é a nossa vida!

*Américo dos Santos*



## BARREDO

**D**EVE ser muito antiga a rua da Fonte Taurina. A estreiteza do pavimento, a sinuosa linha dos prédios, a moldura das janelas e sacadas faz-nos recuar uns séculos atrás, leva-nos à ideia do grande movimento comercial dourada, ali a dois passos do cais da Ribeira. Isto sou eu pensando ao alinhar estas linhas. Quando ali vou nenhum destes pensamentos me prende a atenção. Demoro sempre mais por ali que pelo Barredo. Nunca levo programa. Vou até onde posso. Pela noite dentro, até ao fundo do bolso. Não há diferença, aliás, entre a noite e o dia, pois a luz está sempre acesa. Nem tão pouco em levar muito ou pouco dinheiro, pois nunca dei solução a caso algum.

A minha ida ali é a de um padre que vai por devoção e profissão de amor ao Pobre, ouvir e saber das suas necessidades, males e sofrimentos morais. Comungar a sua vida. Viver engolindo o amargo que ela tem, sem chegar nunca à saciedade nem à embriaguez. Não para colher notas de reportagem, acender ânimo em leitores sentimentais ou muito menos arengar temas avantistas nestas colunas. Se

alguma vez aqui se ouve um grito incoerente é porque a vida daqueles a quem procuro, ultrapassa a minha capacidade de aceitação. Não porque eles

fazem incarnar tantas vezes. Que te fazem Cristo as vinte e quatro horas do dia. Até quando? Enquanto a pobreza é um mistério no caminho do homem para Deus. E os caminhos que se cruzam com o teu, com o do Pobre?

Nas vezes que a mãe tuberculosa desce do quarto andar à rua, à procura dos filhos que andam cá fora. Que alívio os filhos andarem cá fora! Nas vezes que o homem regressa a casa abatido, sem trabalho nem força — a maior cruz de tantos dias! Nas vezes que «a caminho do campo santo sai um anjinho». Alívio para ele e amargura infinda para os pais! Vós, Senhor, realizais constantemente um mistério de amor. Para os remidos o sofrimento é sinal de amor. «A Cruz é o preço do Amor!» Bemaventurados os que sofrem. Por isso eu subo aqueles andares, ouço vozes, vejo corpos, sinto almas, procurando o mistério que ali realizas.

O Barredo é um abismo onde a Humanidade faz precipício, onde é preciso «fechar os olhos para ver». Compreendo, Pai Américo! Os Pobres também compreendem bem. Multidão maior os que não compreendem. «Têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem». Estão condenados por si próprios.

Bemaventurados os Pobres!

*Padre José Maria*



# MIRANDA

● **Bodas de Prata:** Dia do Santíssimo Nome de Jesus! Aniversário da Obra! Desta vez é 25.º aniversário. Um dia assim certamente que nenhum gaiato o fará despercebido.

Primeiramente vão para Ela os nossos votos de que, como até agora, continue a ser pelos séculos fora o que tem sido! A Obra da Rua, a Obra cujo alicerce é o Nome de Jesus.

Nesta data festiva há um facto que a torna mais significativa: é o casamento do Carlos Manuel, um gaiato que, como Professor, se consagra ao serviço da Obra. Pai Américo, que no Céu se une a nós, viu finalmente o seu sonho realizado; por enquanto é o Carlos Manuel como Professor, outros Professores virão após ele, e outros a servem exercendo as suas profissões.

Ao falar do Carlos Manuel, eu lembro-me de todos os gaiatos, velhos e novos, que certamente encontraremos muitos nesse dia.



O casamento do João Martelo, de Miranda do Corvo.

# Lar do Porto

● O relato da última visita aos nossos Pobres será, creio, a situação fiel deles, nossa e da Sociedade Vicentina.

● **Snr.ª Justina** — Às 11 horas da manhã, a casa muito desarrumada e suja. A vassoura de lado para lado lá ia dando melhor asseio. Ela já estava ofegante e de rosto bem corado.

Lá ao fundo do pequeno cubículo, a mãe, velhinha de 80 anos, de cama. A conversa é sempre igual: — Não sei que fazer. Tenho tudo empenhado: roupas de cama, de agasalho e alguma coisa de estimação. Só para remédios para a mãe.

É verdade! Eu bem conheço a Snr.ª Justina. De alguma coisa que possuía perguntei-lhe o que lhe fez. Pôs-me nas mãos bilhetes de prego e suplica: — Valha-me, José. Demos-lhe muitas esperanças. É dali de uma ilha na Rua do Bonfim.

● **Snr.ª Etelvina** — 12 horas e 40 minutos já entrados em casa. Já muito velhinha e desde há muito de cama sem poder pôr-se

amarelito, com os olhos esboga-lhados e cravados em nós, era bem a realização sacrificada dos dois em prol da sua sobrevivência.

O Pai é um homem novo e com forças para trabalhar e possuidor de uma profissão que durante anos ganhou para si e para os seus. Hoje, é fraco de audição. É necessário berrar para que nos oiça. E, por isto, tem de viver em miséria, passar fome.

É dali duma ilha na Rua do Bonjardim. Lá no fundo, vê-se um barraco. É lá.

Pensa dar-lhe trabalho? Que bom! Para ele seria o Céu que vinha compôr a sua vida na terra.

José Maria Diniz



# Lar de Lisboa

● Cá estamos uma vez mais a dar notícias do Lar de Lisboa. Pedimos desculpa aos leitores do Famoso pelo facto de não termos marcado a nossa presença há já algumas quinzenas. Mas o certo é que temos sido um pouco descui-



# PELAS CASAS DO GAIATO

Quero-lhes dizer que a Obra precisa não só da colaboração do Carlos, mas sim da de todos nós.

Se a Obra até aqui tem sido a nossa carinhosa mãe é justo que de hoje para o futuro, se não o temos sido até aqui, saibamos ser seus filhos. Seria, pois, esta a melhor oferta da nossa parte.

Por agora falei-vos dos projectos, daquilo que eu faço ideia, e julgo que outros pensam o mesmo, do que vai ser a festa das Bodas de Prata da nossa Obra, do seu significado.

Para a próxima quinzena dir-vos-ei então das realidades, do que foi verdadeiramente a nossa Festa.

● **CASAMENTO** — Um dos números mais importantes das festas, será a celebração do Casamento do Carlos Manuel, professor da nossa escola, com a nossa futura irmã Maria Helena, sua conterrânea de Aveiro.

Este acontecimento está a ser

aguardado com grande ansiedade por diversos motivos. Primeiro porque há já algum tempo que não há tal cerimónia entre nós. Depois, porque o novo casal passará a viver connosco em autêntica família e por último porque lhes queremos todos muito. Por tal motivo, visto que nós não temos possibilidades, não queremos deixar de lembrar aos nossos amigos, aos amigos do Carlos Manuel, assim como aos Aveirenses amigos da Maria Helena, que eles vão unir as suas vidas no Matrimónio e que este Sacramento terá lugar em nossa casa no próximo dia 3 de Janeiro, festa do Santíssimo Nome de Jesus a quem a Obra está consagrada. Eles são merecedores da amizade de todos nós, do nosso carinho, (e... porque não?) das nossas prendas. Aqui fica pois a lembrança para quem quiser manifestar de maneira concreta, quer por prendas ou simples telegramas, a amizade a que eles saberão corresponder.

António Ferreira da Silva

de pé e dar uns passos tão desejados.

Também é bem nossa. Recebe e mais do que dá, sustenta. Uma criança com 20 dias foi apanhada e criada por ela. Hoje, que lindo menino! É bem o filho do seu sacrifício e do seu Amor!

Pôs-me na mão uma receita: «Estes comprimidos fazem-me tanta falta!»

Esta mulherzinha saiu escorregada do Hospital de S. João.

Agora que mais precisava, padece desanimada no seu leito «até quando Deus quiser», como bem exclama. É dali da Sé, amigos.

● **Snr.ª Aida** — já depois da 1 hora da tarde vimos o fogão apagado. Não havia vestígios de ter sido acendido, de momento. Nós vimos.

— Vamos muito mal. Vou para o Sanatório. O médico acha-me muito fraco dos pulmões. Não há que comer.

Ao lado um rapazito, seu filho, de 12 anos e de corpo franzino e

dados. Mas hoje cá estamos, e prometemos menos descuido de futuro.

No momento preciso em que crescíamos, acabava de chegar a senhora. Tinha ido ver mais uma casa, pois ainda nos encontramos na Rua dos Navegantes, numa casa em que nem as condições sequer se ajustam à renda. A casa é muito velha, além de não possuir aquele ambiente familiar de que Pai Américo gostava.

Quanto aos rapazes que habitam o lar, são na maioria estudantes e, portanto, com necessidade de se deslocar para os liceus ou escolas, sob todas as condições climáticas. E, entre essas condições, a que mais nos preocupa é a chuva, pois não temos guarda-chuvas suficientes. Ora, há com certeza quem tenha pendurado no bengaleiro, ou arrumado a um cantinho, qualquer chapéu que não lhe faça falta... O resto já os leitores sabem: Lar do Gaiato — Lisboa.

Mário



# TOJAL

● Continuam os trabalhos do campo. Todos vão colaborando, e os batatinhas, duma maneira especial, naquilo que se está agora a fazer: a apanha da azeitona. Sempre alegres, às vezes com algum frio, eles lá vão colhendo aquelas azeitonas que outros quaisquer deixariam ficar para trás. São pequenos; depressa chegam ao chão; e é vê-los todos certinhos a contribuir para um grande trabalho sem sequer se aperceberem do facto. E, amanhã, ao saborearem o precioso auxiliar dos cozinhados, lembrar-se-ão de que também apanharam azeitonas, e que, portanto, também ajudaram o azeite a chegar até à mesa. É assim a grande verdade do «comerás o pão com o suor do teu rosto».

Luís Gonzaga

Joaquim

# 25 anos depois

Colónias de Férias do Garoto da Baixa — Senhora da Piedade de Tábuas.....	—	—
Casa do Gaiato de Coimbra — Miranda do Corvo.....	75	Gaiatos
Casa do Gaiato do Porto — Paço de Sousa.....	180	»
Lar do Gaiato do Porto — Rua D. João IV, 682 — Porto.....	20	»
Lar do Gaiato de Coimbra — Cumeada — Coimbra.....	20	»
Casa do Gaiato de Lisboa — Santo Antão do Tojal — Loures.....	110	»
Colónias de Mar — S. Julião da Ericeira e Azurara.....	—	—
Lar do Gaiato de Lisboa — Rua dos Navegantes, 34 — r/c — Lisboa.....	15	»
Casa do Gaiato de Beire — Paredes.....	20	»
Casa do Gaiato de Setúbal — Setúbal.....	120	»
Calvário — Beire — Paredes.....	80	Docentes
Lar do Gaiato de Setúbal — Setúbal.....	20	Gaiatos
Casa do Gaiato de Malanje — Malanje — Angola.....	20	»
Casa do Gaiato de Benguela — Benguela — Angola.....	65	»



**V**INTE e cinco anos de contínuo sopro do Espírito Santo. Pai Américo, na sua doação total de vida, não prégou mais nada, nem escreveu mais nada, nem viveu mais nada, senão sômente a presença de Cristo Crucificado na pessoa do Irmão Pobre, seja ele doente incurável, criança atirada à rua, ou família tombada na miséria. Este tem sido o programa de vida da Obra da Rua.

Quais têm sido os resultados? Isso não é da conta do homem pecador. A este pertence ser instrumento afinado nas mãos do Senhor, e nada mais. As outras preocupações são próprias dos pagãos.

Mas se nós, como homens pecadores que somos, quisermos fazer um pequenino exame de vinte e cinco anos, teremos de concluir que quase nada está feito do imenso que há a fazer. Imenso que há a fazer, não sômente no aspecto assistencial, mas especialmente na consciencialização da sociedade humana.

Quem olhar para estes vinte e cinco anos de vida da Obra e a avaliar pelos rapazes que tirou à rua, ou pelos doentes que ajudou a morrer, ou pelas famílias a quem deu sentido e abrigo, terá de concluir que mal valeu a pena tanto esforço e já algumas vidas gastas. Porém, quem avaliar a Obra pela doutrina viva de que tem dado testemunho, quer pelas obras realizadas, quer pela doutrinação de «O Gaiato», ou livros da própria Obra, então, já poderá concluir que valeu a pena tudo aquilo que se fez.

Nestes poucos dias, graças ao Senhor, que

estive internado numa casa de saúde, as minhas horas de vigília, misturadas de um pouco de sofrimento, foram cheias da dor de irmãos a quem falta o mínimo de tudo o que é legítimo. A minha cama fôfa e quentinha com botões de campainha

## TRIBUNA DE COIMBRA

e de luz à cabeceira, o quarto espaçoso e confortável, a cama vazia a meu lado, o cadeirão almofadado, o cobertor de lã para os pés, os sacos de água quente, o telefone a perguntar por mim, visitas a toda a hora a animar-me, o cuidado dos enfermeiros, a dedicação do pessoal auxiliar, o carinho dos médicos que me operaram, tudo isto foram pedras de choque para a minha sensibilidade cristã.

Tenho visto milhares e milhares de irmãos doentes pelas enfermarias dos nossos hospitais, muitos deles a dormir no chão, por não haver camas, nem botões à cabeceira, nem cadeira de

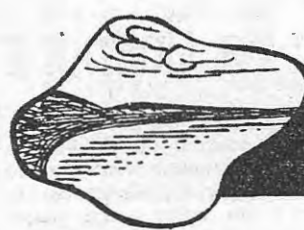
descanso, nem enfermeiro a acudir logo à chamada, nem mesinha de louça decente para comer, nem comida própria para o seu estado de saúde, nem telefone a perguntar por si, nem visitas a toda a hora, nem carinhos no momento próprio. Tenho barracado e aos pardieiros, entregues ao seu morrer de toda a hora, carregados de filhos e de farrapos.

Todos estes foram meus companheiros naquela semana que estive na casa de saúde, onde nada me faltou e os médicos nada levaram. E nos dias que serei forçado a ficar no quarto de convalescença, eles hão-de continuar a acompanhar-me e a fazer-me sofrer.

Com a visita dos Senhores Bispos e de um número incontável de amigos, recebi a visita de Pobres que habitam em casas do Património e de outros que habitam em barracas. Em todos vi o sentido da amizade e do carinho e de todos me pareceu receber a benção de Deus. Todo o carinho, dedicação e amizade não os tomei devidos a mim mesmo. Pobre de mim! Tudo recebi como benção de Deus pelo pequenino trabalho a que me tenho dedicado na Sua Igreja. O meu quinhão e a minha benção são os Pobres. Vale bem a pena a gente gastar a vida toda à busca deste quinhão!

Estes vinte e cinco anos de vida da Obra, de visita dos quais eu também dou um pequenino testemunho, têm sido à procura deste tesouro que é Cristo Crucificado nos irmãos. Este vai continuar a ser o nosso programa. Só pararemos quando todos os homens O encontrarem. E muitos, só o encontrarão, encontrando-se a si próprios.

Padre Horácio



## SETUBAL

Apetecia-me hoje fazer uma crónica habitual. Entretanto entendo que para as «Bodas de Prata» de uma Obra que é a razão do meu sacrifício, foi a paixão da minha juventude e continua a realização da minha vida, uma crónica normal não diria tudo o que me apetece exprimir.

A «Obra da Rua» é uma Palavra Nova — que me faz novo todos os dias pela novidade que inspira a todos os acontecimentos relacionados comigo. Filha genuína do Pecado e do Amor reunidos misteriosamente em Cristo — Palavra Nova — continua a expressar-se e a impulsionar-me com a mesma pureza virginal com que nasceu no coração de Pai Américo.

É a Misericórdia Viva do Senhor a cair sobre a maneira concreta e tantas vezes tornada matéria.

É a Verdade flagrante da Justiça a erguer-se, com todo o vigor que lhe é próprio, contra a hipocrisia da vida humana.

É a Presença actuante do Amor a escandalizar a burocracia e a rotina das relações humanas.

É Guerra, contra a paz

que assenta em princípios falsos embora cómodos.

É a Paz, na guerra consequente do pecado.

É a Fragrância da Heroicidade Cristã entendida por tantos Irmãos que nos estimulam com o seu exemplo de entrega ao Pobre.

É a Discreção Evangélica da dádiva silenciosa a actualizar o «não saiba a direita o que faz a esquerda».

É a Presença Providencial de Deus, Incarnado na nossa vida a descobrir-nos momento a momento a Sua face bendita.

Cont. na SEGUNDA página

## Há 25 anos

### Breve história

Cont. da PRIMEIRA página

*Até ali vivíamos no clássico sistema de criados; havia deles na pequenina quinta e deles na cozinha e no refeitório e nos dormitórios. O rapaz da rua, mal chegado a casa, passava a ser um menino estimado em que nem as moscas haviam de pensar. Era assim que a governanta queria. Assim se fazia (e faz hoje) em todas as casas de assistência. Eu cá não me parecia bem o que via, mas era sózinho. É muito difícil abrir sulcos na rotina. Os interesses*

*criados gozam de muita força e não faltam razões que os aplaudam. Eu era sózinho. Veio nova governanta e com ela novos caminhos. Esta senhora, apenas inteirada dos usos e costumes, começa por despedir os criados e as criadas, a quem chamou gente a mais. Ficou ela sózinha com os quinze rapazes. Trocou-se por trabalho o nome de repouso e ficou sendo única e simplesmente a Casa do Gaiato. Nova era. Vida plena. Saúde e alegria. Os velhos processos continuam em outras obras de assistência. Por outro lado rapazes eu sofro. Desejaria libertá-los. Dizer a cada um quem ele é, quanto vale e o que pode. Sim; desejaria. Mas é impossível. Contra decretos não posso nada; e eles contam-se por milhares.*

Pai Américo, in «Porta Aberta», 1951



Imagem da juventude da Obra, uma neta, filha do Manuel «Côco», que pouco mais velho era quando, há 25 anos, chegou a Miranda do Corvo.

## A PAI AMÉRICO

Continuação da PRIMEIRA página

tua vida, pede-lhe por nós: Que te sigamos na paixão da Cruz, que é o Caminho; te acompanhemos eternamente na Vida, que é a meta.

Nós, os teus filhos.  
E todos que te amamos.

